



PEDAGOGIA HOSPITALAR: A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA HUMANIZADA E AFETIVA NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DE PACIENTES PEDIÁTRICOS EM INTERNAÇÃO

HOSPITAL PEDAGOGY: THE RELEVANCE OF HUMANIZED AND AFFECTIVE PRACTICE IN THE COMPLETE DEVELOPMENT OF PEDIATRIC PATIENTS IN ADMISSION

SOUZA, Maria Eduarda Cardoso¹,
SILVA, Ana Caroline Soncin²,
ALMEIDA, Joyce Ramos³,
ZERBATO, Célia Regina da Silva⁴.

RESUMO

A Pedagogia Hospitalar não apenas assegura o direito à educação, mas também atua como um elemento terapêutico, demonstrando a importância de um ensino que valorize o afeto e a ludicidade no cuidado infantil. Este trabalho abordou a importância da humanização e da afetividade na Pedagogia Hospitalar como fator motivacional para o desenvolvimento integral da criança hospitalizada. Teve como objetivo analisar como as práticas pedagógicas realizadas em ambientes de saúde contribuem para a preservação da infância, a continuidade da aprendizagem e o fortalecimento da autoestima em situações de adoecimento. Tratou-se de um estudo de natureza bibliográfica, fundamentado em obras, artigos científicos e legislações que regulamentam a educação hospitalar no Brasil. A análise demonstrou que a atuação do Pedagogo no hospital vai além da transmissão de conteúdos escolares, pois envolve o cuidado com os aspectos emocionais, sociais e cognitivos da criança, por meio de práticas humanizadas, como atividades lúdicas, brinquedoteca e contação de histórias. Os resultados evidenciaram também que a presença da Pedagogia Hospitalar favorece a adesão ao tratamento, a reinserção escolar e a diminuição dos impactos negativos da hospitalização. Concluiu-se que a humanização e a afetividade são elementos essenciais para transformar o hospital em um espaço de aprendizagem, acolhimento e motivação, reafirmando a educação como direito de todos, em qualquer circunstância.

Palavras-chave: Pedagogia hospitalar; humanização; afetividade; desenvolvimento integral.

ABSTRACT

Hospital Pedagogy not only ensures the right to education but also serves as a therapeutic element, demonstrating the importance of teaching that values affection and playfulness in child care. This work addresses the importance of humanization and affection in Hospital Pedagogy as a motivational factor for the integral development of hospitalized children. Its objective was to analyze how pedagogical practices carried out in healthcare environments contribute to the preservation of childhood, the continuity of learning, and the strengthening of self-esteem in situations of illness. This was a bibliographical study,

¹ Acadêmico do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário de Jales (UNIJALES), Jales - SP.

² Mestre em Ciências dos Materiais, orientadora e professora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Jales (UNIJALES), Jales - SP.

³ Mestre em Oncologia, coorientadora e professora do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Jales (UNIJALES), Jales - SP.

⁴ Mestre em Geografia, coorientadora e professora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Jales (UNIJALES), Jales - SP.

based on books, scientific articles, and legislation that regulates hospital education in Brazil. The analysis showed that the role of the pedagogue in hospitals goes beyond the transmission of school content, as it involves caring for the child's emotional, social, and cognitive aspects through humanized practices such as play activities, toy libraries, and storytelling. The results also revealed that the presence of Hospital Pedagogy favors treatment adherence, school reintegration, and the reduction of negative impacts of hospitalization. It was concluded that humanization and affection are essential elements for transforming the hospital into a space of learning, care, and motivation, reaffirming education as a right for all, under any circumstances.

Keywords: Hospital pedagogy; humanization; affectivity; integral development.

1 INTRODUÇÃO

Ao se considerar a infância, que compreende a faixa etária do nascimento até os 12 anos de idade, a imagem padrão que aparece na mente das pessoas é a de crianças envolvidas em brincadeiras, correndo, rindo e divertindo-se, explorando o mundo por meio de interações sociais e experiências enriquecedoras. Essa fase no desenvolvimento infantil é crucial, pois segundo Feraboli (2024) é nela que se desenvolvem habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais, além da construção da identidade e da personalidade.

Nesse contexto, torna-se imprescindível proporcionar para a criança um ambiente onde esta possa ter o seu desenvolvimento pleno de maneira integral. Diante disso, o ambiente escolar desempenha um papel essencial, configurando-se como um espaço mediador que não apenas promova a aprendizagem, por meio da atuação do educador, mas também favoreça a socialização e a interação entre os indivíduos. Segundo Luck (2017), a escola busca incentivar a aprendizagem da cidadania, mediante a compreensão do mundo pelo aluno, de si mesmo e de seu papel nesse mundo, além de vivências de experiências sociais significativas.

No entanto, essa não é a realidade de todas as crianças, a exemplo das crianças hospitalizadas vivenciam uma transformação significativa da sua concepção de infância. Nessa perspectiva, Feraboli (2024) destaca que as brincadeiras e interações com os colegas de classe são substituídas por longos períodos de internação, administração de medicamentos e consultas médicas diárias.

Diante do diagnóstico de uma doença grave, a criança passa a maior parte do tempo no ambiente hospitalar afastando-se de sua rotina habitual, especialmente do contexto escolar. Entretanto, a continuidade da educação é um direito assegurado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Para essa situação, surge a necessidade da

interlocução entre profissionais da saúde e da educação, de maneira que a Pedagogia Hospitalar se apresenta como uma forma de ensino que integra esses profissionais e possibilita, a priori, a presença do professor no ambiente hospitalar (São Paulo, 2021).

Para Souza (2024), por muitos anos, o processo educativo foi visto como uma prática institucional pertencente apenas à escola, sendo este o único lugar onde o Pedagogo poderia atuar com o modelo de educação formal. Nesse modelo, a aprendizagem ocorria apenas na instituição escolar, caracterizada por um ensino sistematizado, estruturado por currículos e metodologias, seguindo diretrizes formais.

No entanto, a Pedagogia também se faz presente em contextos não escolares, como empresas, comunidades e hospitais, onde o ensino assume funções adaptativas e humanizadas para atender às necessidades específicas dos sujeitos. Kanan, Silva e Zampieri (2024) discutem como a educação ocorre em diferentes espaços, como a escola, a sociedade e a empresa, abrangendo tanto contextos formais quanto não formais, escolares e não escolares, assim, em todos esses ambientes, há sujeitos constantemente aprendendo e ensinando, o que mostra que não existe uma forma única nem um modelo exclusivo de educação.

No ambiente hospitalar, por exemplo, a Pedagogia busca garantir a continuidade do processo educativo de crianças e adolescentes internados, minimizando os impactos do afastamento escolar e proporcionando suporte emocional durante o tratamento. Para Silva *et al.* (2024), a Pedagogia Hospitalar tem por objetivo, orientar, acompanhar e administrar à educação de crianças e jovens que estejam incapacitadas de frequentar a escola por motivo de tratamento de saúde.

Assim, a Pedagogia afetiva e humanizada nos hospitais desempenha um papel essencial na qualidade de vida dos pacientes, pois promove acolhimento, bem-estar emocional e motivação para o aprendizado. Segundo Vygotsky (1984), é na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos que o educando aprende a agir numa esfera cognitiva; então, estratégias lúdicas e recreativas, como jogos, contação de histórias e atividades artísticas, são fundamentais para humanizar o ensino hospitalar e tornar o ambiente mais acolhedor, reduzindo o estresse e a ansiedade das crianças internadas.

Os autores Silva *et al.* (2024) destacam que os profissionais de saúde envolvidos no processo de cuidado e tratamento do paciente-aluno relatam que a criança que recebe algum tipo de atenção educacional durante o internamento tende a ser mais receptiva, calma e realiza as tarefas terapêuticas com disposição, o que auxilia em sua recuperação.



Dessa forma, a Pedagogia Hospitalar não apenas assegura o direito à educação, mas também atua como um elemento terapêutico, demonstrando a importância de um ensino que valorize o afeto e a ludicidade no cuidado infantil.

Nesse contexto, este artigo teve como objetivo analisar a influência da humanização e da afetividade na Pedagogia Hospitalar por meio do uso de atividades de recreação, brinquedoteca e contação de histórias como fator motivacional para a manutenção de um aprendizado significativo durante o período de internação da criança. Especificamente, almejou-se: conceituar a Pedagogia em espaços escolares e não escolares; discutir a concepção de Pedagogia Hospitalar; elucidar a importância da atuação do Pedagogo hospitalar no preparo e desenvolvimento de práticas afetivas e humanizadas, como atividades lúdicas, recreação, brinquedoteca e contação de história que favoreçam o engajamento e o bem-estar da criança internada; e apresentar estudos que comprovem a eficiência do uso da afetividade e da humanização para a promoção do desenvolvimento integral da criança hospitalizada.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza básica, com objetivo explicativo e abordagem qualitativa. O procedimento constituiu-se em uma e visão bibliográfica integrativa, em que foram estudados autores como Elizete Lúcia Moreira Matos e Margarida Maria Teixeira de Freitas Mugiatti. Também foram considerados materiais científicos que estejam disponíveis na íntegra, em português e inglês, com data de publicação, em sua maioria, inferior a dez anos, obtidos através da busca em bases de dados como: Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e Periódicos Capes. Foram pesquisados descritores como: Pedagogia, Pedagogia Hospitalar, Humanização; Afetividade; e Desenvolvimento Integral da Criança.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A palavra Pedagogia tem origem grega, derivando dos termos *paidos*, que significa criança, e *agogé*, que significa condução. Juntas, essas palavras formam o conceito de Pedagogia como a arte ou ciência de conduzir a criança. Essa prática é de fundamental importância, pois é por meio dela que se orienta, acompanha e direciona o indivíduo para sua inserção plena na sociedade. Sem a Pedagogia, não haveriam práticas educativas organizadas e, conseqüentemente, não existiria a formação do senso crítico nem o desenvolvimento integral do ser humano (Júnior Rodrigues; Spindola; Montezano, 2022).

No entanto, a atuação pedagógica tradicionalmente associada ao ambiente escolar transcende os muros da escola e se concretiza em diversos espaços sociais onde há a possibilidade de ensino, aprendizagem e formação humana, como empresas, ONGs, centros de reabilitação, museus, prisões e hospitais (Loss, 2014). A educação, nesses casos, ocorre de modo não formal, mas ainda assim cumpre uma função essencial: promover o desenvolvimento humano, o exercício da cidadania e a inclusão social (Moreira; Oliveira, 2022).

Nos espaços onde ocorre a Pedagogia não escolar, o pedagogo precisa adaptar sua prática às especificidades do contexto, desenvolvendo ações que considerem as necessidades e condições dos sujeitos envolvidos como é o caso da Pedagogia Hospitalar, que exige investigação e dedicação, beneficiando o estudante hospitalizado, a fim de que continue progredindo na aprendizagem cultural e formativa (Ferreira; Abreu, 2024).

O Conselho Nacional de Educação, por meio do artigo 13º da Resolução nº 02/2001, Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, define entre os educandos público-alvo da Educação Especial, aqueles que apresentam dificuldades de acompanhamento das atividades curriculares por condições e limitações específicas de saúde, cujas especificidades são complementadas nos parágrafos 1º e 2º do referido artigo:

§1º As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular.

§ 2º Nos casos de que trata este Artigo, a certificação de frequência deve ser realizada com base no relatório elaborado pelo professor especializado que atende o aluno (Brasil, 2001).

Os ditames da Resolução nº 02/2001 citados acima são reiterados na Resolução CNE/CEB 4/2009, que institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial, artigo 6º, que afirma: “em casos de Atendimento Educacional Especializado em ambiente hospitalar ou domiciliar, será ofertada aos alunos, pelo respectivo sistema de ensino, a Educação Especial de forma complementar ou suplementar”.

Diante do quadro em tela, nota-se que o paciente-aluno se enquadra na modalidade de Educação Especial, podendo ser desenvolvida especialmente por meio de duas estratégias básicas: às classes hospitalares e o atendimento pedagógico domiciliar,

conforme estabelece o documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações (Brasil, 2002), produzido pela Secretaria da Educação Especial, que os define como:

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental.

Atendimento pedagógico domiciliar é o atendimento educacional que ocorre em ambiente domiciliar, decorrente de problema de saúde que impossibilite o educando de freqüentar a escola ou esteja ele em casas de passagem, casas de apoio, casas-lar e/ou outras estruturas de apoio da sociedade (Brasil, 2002, p. 13).

Ainda, segundo o mesmo documento, “além de um espaço próprio para a classe hospitalar, o atendimento propriamente dito poderá desenvolver-se na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento” (Brasil, 2002), haja vista que restrições impostas ao educando por sua condição clínica ou de tratamento possam requerer.

No contexto deste trabalho de Pedagogia Hospitalar, com pacientes-alunos, faz-se necessário trabalhar a Inteligência Emocional, uma vez que é por meio dela que se aprende o autocuidado e o cuidado com o outro (Santos; Souza; Corrêa, 2024). Trata-se de um aprendizado que vai além da aquisição de conhecimentos acadêmicos, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e das habilidades socioemocionais.

Para a criança hospitalizada, trabalhar a **inteligência emocional** e promover seu **desenvolvimento integral** torna-se ainda mais imprescindível, considerando que ela vivencia um momento delicado de ruptura com sua rotina e com os vínculos afetivos estabelecidos no ambiente escolar (Ferreira *et al.*, 2024). O que antes era vivido em uma sala de aula regular, cercada por colegas e pela professora habitual, passa a ser vivenciado em um contexto hospitalar, onde os amigos de classe são substituídos por companheiros de internação e a figura da professora dá lugar à atuação da **Pedagoga hospitalar**, como exemplificam as autoras:

Estudos também mostram que a hospitalização prolongada pode provocar alterações de humor, com sintomas de depressão e regressão comportamental. [...] A ausência de estímulos educativos e de interação com pares pode prejudicar o progresso acadêmico e o desenvolvimento das habilidades sociais, cruciais durante a infância [...]. O tempo prolongado no hospital, associado à limitação das atividades lúdicas e de socialização, pode causar atraso nas



habilidades de comunicação e autocuidado, especialmente em crianças de 0 a 6 anos (Ferreira *et al.*, 2024, p. 3-4).

Nesse cenário, as práticas pedagógicas pautadas na **afetividade, na escuta ativa e na humanização** são fundamentais para garantir que a criança continue aprendendo, sentindo-se acolhida e reconhecida em sua individualidade, mesmo diante das adversidades impostas pela hospitalização. Além disso a Pedagogia inserida no hospital, faz com que o retorno para a escola formal tenha maior facilidade e diminua a reprovação, a defasagem e evasão escolar. Então, o Pedagogo inserido no hospital será um forte aliado para a equipe de saúde, contribuindo para a condição emocional, psíquica, física e social do aluno-paciente (Russo; Messa, 2017).

Para que as ações desenvolvidas na Pedagogia Hospitalar sejam eficazes e pautadas pela excelência, dois conceitos fundamentais devem nortear a prática do Pedagogo: a humanização e a afetividade. A humanização consiste em tornar as relações mais respeitadas, empáticas, dignas e acolhedoras, colocando o ser humano como protagonista, especialmente em contextos delicados como o hospitalar, onde a saúde e a educação se entrelaçam (Russo; Silva, 2024). Já a afetividade refere-se à capacidade de vivenciar, expressar e compartilhar emoções e sentimentos, estabelecendo vínculos significativos entre o Pedagogo e a criança (Souza, 2022).

Então, esses dois princípios são interdependentes e complementares no contexto educacional hospitalar. A humanização cria um ambiente que respeita, valoriza e acolhe o aluno como ser humano integral, enquanto a afetividade estabelece os vínculos emocionais necessários para que esse ambiente se torne verdadeiramente propício ao desenvolvimento e à aprendizagem (Zombini *et al.*, 2012).

Assim sendo, a Pedagogia Hospitalar desempenha um papel fundamental na humanização do atendimento a crianças hospitalizadas, fazendo com que seja possível uma colaboração interdisciplinar significativa entre paciente, equipe médica, família e profissionais da educação (Silva; Schwambach, 2019). Além disso, deve-se levar em consideração que a criança internada está passando por uma fase de desenvolvimento crucial para a sua formação, sendo de extrema importância um profissional que entenda sobre este desenvolvimento (Souza; Rolim, 2019). Nesse contexto, a presença do Pedagogo no ambiente hospitalar não apenas assegura o direito à escolarização durante o período de internação, como também, por meio do vínculo afetivo, colabora para o seu desenvolvimento, recuperação da saúde e o bem-estar emocional do paciente.

Nessa perspectiva, a atuação do Pedagogo no ambiente hospitalar vai muito além da simples transmissão de conteúdos escolares, uma vez que seu público-alvo é composto por crianças com necessidades educacionais específicas, em decorrência da hospitalização. Essa função requer sensibilidade, empatia e um profundo compromisso com o desenvolvimento integral da criança. A esse respeito, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 59º, determina que os sistemas de ensino adotem currículos, métodos, técnicas, recursos e formas de organização adequados para atender às necessidades específicas do público-alvo da educação especial (Brasil, 1996).

Para atuar na Pedagogia Hospitalar, é fundamental que o professor possua formação adequada, preferencialmente em Pedagogia, Educação Especial ou em outras licenciaturas, com capacitação específica voltada ao atendimento educacional especializado. Essa formação deve contemplar conhecimentos básicos sobre saúde, protocolos hospitalares, principais patologias e medidas de prevenção, garantindo tanto a sua própria segurança quanto a da criança no ambiente clínico. Além disso, é importante que o docente compreenda as condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e suas implicações clínicas e afetivas, de modo a adaptar o ambiente, planejar atividades, selecionar materiais adequados, registrar as práticas pedagógicas e avaliar continuamente o trabalho desenvolvido, assegurando um atendimento educativo seguro, eficaz e humanizado (Brasil, 2002, p. 15).

As práticas pedagógicas no ambiente hospitalar articulam o brincar e o aprender por meio de situações cuidadosamente planejadas para estimular o interesse, a atenção e a criatividade das crianças (Souza, 2017). Nessa atuação, o Pedagogo emprega o afeto, a humanização e a escuta ativa como fundamentos essenciais para estabelecer vínculos verdadeiros, restaurando, assim, a autoestima dos pequenos, usando da ludicidade para contribuir com o ensino-aprendizagem e criar um ambiente alegre e acolhedor no hospital (Melo; Abreu; Abrão, 2024). Tais práticas promovem, ainda, entretenimento, informação, aprendizado e o desejo de continuar a viver, mesmo para aqueles sujeitos que se encontram com uma patologia grave.

A Classe Hospitalar impede que as crianças hospitalizadas tenham o processo escolar interrompido, garantindo-lhes o acesso ao ensino e a continuidade de experiências educativas ao aluno em tratamento (Costa; Rolim, 2020). Nesse contexto, o autor Vasconcelos (2015) afirma que a finalidade da classe hospitalar é dar ao paciente as condições de sentir-se inserido no mundo dos não doentes, mostrando-lhe que não perdeu suas capacidades intelectuais, por meio de atividades que acionam suas habilidades.



Já a Brinquedoteca é um espaço criado com o objetivo de proporcionar estímulos para que a criança possa brincar livremente, sendo um local visto como parte da assistência e da terapia, onde a criança possa trabalhar a criatividade, criar vínculos afetivos e cultivar a sua sensibilidade (Vieira *et al.*, 2023). A autora Mendes (2023) ressalta que a Brinquedoteca é um espaço para a nutrição da alma da criança, que preserva a sua integridade e respeita a sua condição de independentemente de estar hospitalizada, ainda é um ser em formação. Entende-se assim, a necessidade do ato de brincar para as crianças hospitalizadas e como a brincadeira promove o bem-estar físico e social no ambiente hospitalar, pois é um momento que se assemelha a sua rotina habitual, antes do período de internação (Bastos; Oliveira, 2023).

Além da Classe Hospitalar e da Brinquedoteca, há outras práticas educativas possíveis de serem desenvolvidas no hospital, como o Projeto Sala de Espera, o qual ao aguardar a consulta, a criança pode desenvolver atividades com fantoches, jogos, livros e músicas, fazendo com que a sala de espera deixe de ser um espaço triste e ganhe um clima aconchegante (Wild et al. 2014). Outra prática importante para o cenário hospitalar é a de Contação de Histórias, que engloba dois projetos visando a estimulação da criança, o Projeto Literatura Infantil, que procura distrair a criança da sua hospitalização, e desenvolver todo o seu potencial de imaginação, criatividade e incentivá-la ao gosto e ao hábito de leitura e o Projeto Enquanto o Sono não Vem, que consiste na contação de história após o jantar, até que a criança durma. Sobre essa prática, as autoras afirmam:

A arte de contar histórias em ambiente hospitalar reporta a situações em que, no início dos tempos, o conhecimento era transmitido por gestos e, posteriormente, de forma oral pelos homens primitivos. [...] No ambiente hospitalar o contador deixa a história fluir, passando a ser um instrumento e deixando-a sair de seu coração para o coração dos ouvintes [...]. O conto nada mais é do que um sonho falado (Matos; Mugiatti, 2008, p. 139-140)

Dessa forma, percebe-se que as práticas educativas no ambiente hospitalar, como a Classe Hospitalar, a Brinquedoteca, a Sala de Espera e a Contação de Histórias, desempenham um papel essencial na promoção do desenvolvimento integral das crianças hospitalizadas. Essas iniciativas não apenas asseguram o direito à educação, mas também contribuem para a humanização do tratamento, transformando o hospital em um espaço mais acolhedor, afetivo e menos hostil. Ao valorizar o brincar, a imaginação e o vínculo afetivo, tais práticas ajudam a suavizar os impactos da hospitalização, fortalecendo a

autoestima, a esperança e a motivação das crianças, além de favorecer sua reinserção social e escolar após o período de internação (Silva; Souza, 2025).

As autoras Silva e Schwambach (2019) desenvolveram uma pesquisa em duas instituições de saúde da cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, que oferecem espaços lúdicos e contam com a atuação de profissionais da educação no acompanhamento pedagógico de crianças e adolescentes hospitalizados. Durante a investigação, ao serem questionadas sobre o uso do lúdico no trabalho pedagógico, uma das Pedagogas entrevistadas relatou um exemplo prático de atividade desenvolvida com as crianças, destacando a relevância dessa prática no processo de aprendizagem e de humanização do atendimento:

A oficina do apêndice foi uma das recentemente realizadas no projeto, uma paciente iria realizar a cirurgia de retirada e estava com muito medo. A partir disso, planejamos “A despedida do apêndice”. Com feltro confeccionamos o aparelho digestivo para ilustrar a explicação. Houve a contação de história sobre como acontece todo o processo de inflamação do apêndice e porque ele precisa ser retirado, sempre de forma lúdica. A “cirurgia” foi realizada, com ajuda de todas as crianças presentes no dia. No final se despediam do apêndice (Silva; Schwambach, 2019, p. 66).

A partir dessas intervenções, percebe-se que o Pedagogo desempenha um papel fundamental como mediador da rotina hospitalar da criança. Por meio de atividades lúdicas planejadas e de incentivos direcionados, o educando passa a enfrentar a hospitalização de maneira mais tranquila e leve, o que pode, inclusive, contribuir para a aceleração de seu processo de recuperação. Em situações delicadas, o lúdico, aliado à afetividade e à humanização do atendimento, transformam-se em um recurso capaz de ressignificar a experiência da internação, proporcionando momentos de prazer e de alívio do sofrimento. Além disso, tais práticas favorecem o desenvolvimento integral da criança hospitalizada e fortalecem sua interação com a família, tornando o ambiente hospitalar mais acolhedor e menos assustador (Silva; Falco, 2018).

Com o objetivo de compreender a realidade da educação em contexto hospitalar, Martins e Oliveira (2018) realizaram uma visita ao Hospital do Câncer de Cascavel (UOPECCAN), no Paraná. Durante a pesquisa, a Pedagoga Hospitalar entrevistada destacou que o exercício da profissão exige envolvimento pleno, marcado por dedicação, respeito, carinho e, sobretudo, amor, pois o trabalho vai além do ensino formal e requer sensibilidade no trato com as crianças.



A profissional afirmou ainda que considera sua atividade magnífica, ressaltando que, muitas vezes, os pacientes apresentam sinais de melhora após vivenciarem experiências pedagógicas no hospital. As autoras acrescentam que a maioria dos alunos em processo de internação apresenta fragilidade física e emocional, acompanhada de desmotivação; entretanto, as práticas pedagógicas têm se mostrado eficazes ao oferecer momentos significativos que resgatam a autoestima e a esperança, suavizando os impactos do ambiente hospitalar (Martins; Oliveira, 2018).

Uma pesquisa de campo foi realizada pelas autoras Souza e Rolim (2019), em um hospital público infantil na cidade de Palmas, capital do Tocantins, para visualizar como a educação hospitalar é realizada. No Hospital em questão, a proposta da Pedagogia Hospitalar desenvolvida é voltada principalmente aos alunos na fase de Educação Infantil e atende às crianças que estejam nos primeiros anos do ensino fundamental. No entanto, as atividades estão relacionadas às perspectivas lúdicas, com foco nos aspectos emocionais da criança, sem o compromisso com a continuidade escolar como proposto pela classe hospitalar. O foco principal desta instituição é a Brinquedoteca, que segundo a Pedagoga entrevistada:

No hospital funciona a brinquedoteca [...]. É só de brincadeiras trabalhando o lúdico com os brinquedos, mas o objetivo é que através da brincadeira, que faz parte da essência da criança, ela melhore. Porque ela vai perdendo sua identidade, seu espaço. Ao ser hospitalizada a criança vai recebendo muitos traumas, muitos medos e a brinquedoteca veio para amenizar, ajudar nesse processo de recuperação da criança. Para que ela não perca sua identidade de criança. (Souza; Rolim, 2019, p.414)

Nesse sentido, o brincar proposto no Hospital de Palmas, tem o olhar voltado principalmente para os movimentos lúdicos de descontração, imaginação, interatividade e bem-estar, mas esse brincar possibilita, também, o trabalho com a realidade interna e externa do mundo infantil, elemento importante para a continuidade do desenvolvimento. A segunda Pedagoga entrevistada evidência que ela tenta abrir um canal de afetividade com a criança para que seja possível amenizar o sofrimento, diminuir o impacto, a angústia dela e do familiar, tendo como objetivo maior que ela aceite o tratamento e não perca a sua essência de criança (Souza; Rolim, 2019).

O fato de estar doente não pode ser condição para o silenciamento do protagonismo da criança. Nesse sentido, a **Pedagogia Hospitalar** configura-se como uma importante ferramenta de aproximação da criança enferma com o universo da infância saudável, por vezes capturado e limitado pela doença. As práticas pedagógicas



humanizadas e afetivas possibilitam a construção de vínculos de confiança, a preservação da autoestima e o estímulo à autonomia, favorecendo a expressão de sentimentos e a elaboração das experiências difíceis vivenciadas no hospital (Souza; Rolim, 2019).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu compreender que a Pedagogia Hospitalar, fundamentada na afetividade e na humanização, é essencial para garantir o direito à educação das crianças hospitalizadas. Mais do que assegurar a continuidade escolar, a atuação do Pedagogo contribui para o bem-estar emocional, para a preservação da infância e para o fortalecimento da autoestima, transformando o ambiente hospitalar em um espaço de aprendizagem e acolhimento.

Portando, o Pedagogo Hospitalar desempenha um papel indispensável na reintegração social e educacional da criança durante a internação. Sua prática, marcada pelo afeto e pela escuta ativa, colabora para suavizar os efeitos negativos da hospitalização e reforça a importância da formação especializada para atuar nesses espaços, reafirmando a educação como um direito que deve ser assegurado em qualquer circunstância.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, M; OLIVEIRA, A. O brincar da criança hospitalizada. **Seven Editora**, São José dos Pinhais, p. 282–290, 2023. Disponível em: <https://sevenpublicacoes.com.br/editora/article/view/1166>. Acesso em: 26 jul. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 07 jun. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília, 2002. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2025.



COSTA, J; ROLIM, C. Classe hospitalar: atendimento educacional à criança em tratamento de saúde. **Educ. Form.**, Fortaleza, v. 5, n. 3, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/2098>. Acesso em: 05 de jun. 2025.

FERABOLI, E. **Contribuições da pedagogia hospitalar no desenvolvimento socioemocional de crianças com câncer**. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/279587>. Acesso em: 23 mar. 2025.

FERREIRA, J.; SILVA, D.; TESTA, P.; AMARAL, A. Os efeitos psicológicos da hospitalização prolongada e estratégias de intervenção para promover o bem-estar emocional das crianças. In: ENCONTRO CIENTÍFICO CULTURAL INTERINSTITUCIONAL, 22., 2024, Cascavel. **Anais [...]**. Cascavel: Centro Universitário FAG, 2024. ISSN 1980-7406.

FERREIRA, V.; ABREU, B. Pedagogia Hospitalar e a atuação do Pedagogo. In: JOURNAL Brasileiro de Saúde, 7., 5., 2024, Curitiba. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 1-17, set./out. 2024. Disponível em: <https://bjhrv.com/index.php/bjhr/article/view/248> . Acesso em: 22 ago. 2025.

JÚNIOR RODRIGUES, H.; SPINDOLA, G.; MONTEZANO, B. Pedagogia hospitalar: a prática docente nos hospitais de câncer infantil. **Revista Matter**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 67-88, 2024. Disponível em: <https://unibr.com.br/matter/index.php/rm/article/view/66> . Acesso em: 22 ago. 2025.

KANAN, L; SILVA, C; ZAMPIERI, R. Formação inicial em Pedagogia: espaços não escolares em foco. **Interterritórios: Revista de Educação**, Caruaru, v. 10, n. 19, e264996, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.264996>. Acesso em: 26 jul. 2025.

LOSS, A. **Para onde vai a Pedagogia? Os desafios da atuação profissional na Pedagogia Hospitalar**. Curitiba: Appris, 2014. 121 p.

LUCK, H. **Gestão da cultura e do clima organizacional da escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MARTINS, É; OLIVEIRA, L. A Pedagogia Hospitalar como espaço de humanização e afetividade. **Revista Científica de Educação**, Cascavel, v. 10, n. 2, p. 45-60, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/u17973/Downloads/Artigo%202%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/u17973/Downloads/Artigo%202%20(1).pdf). Acesso em: 22 de ago. de 2025.

MATOS, E; MUGIATTI, M. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando a educação e a saúde**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MELO, F; ABREU, V; ABRÃO, R. Pedagogia Hospitalar e ludicidade como campo de atuação da/o Pedagoga/o. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 10, n. 17, p. 225–238, 2024. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseiinovacao/article/view/6162>. Acesso em: 26 jul. 2025.



MOREIRA, J; OLIVEIRA, J. A Educação em ambientes não escolares: um relato de experiência. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 31, 23 ago. 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/31/a-educacao-em-ambientes-nao-escolares-um-relato-de-experiencia> Acesso em: 22 ago. 2025.

RUSSO, J; MESSA, S. Pedagogia Hospitalar: a importância do Pedagogo como auxiliador do aprendizado de crianças e adolescentes hospitalizados. **Saberes Docente**. Juína, v. 2, n. 4, p. 1–31, jun./dez. 2017. Disponível em: <http://revista.ajes.edu.br/index.php/rsd/article/viewFile/72/145> Acesso em: 22 ago. 2025.

RUSSO, M; SILVA, T. O processo de humanização e o Pedagogo Hospitalar no desenvolvimento de crianças e adolescentes hospitalizados. **Cadernos de Educação**, [S. l.], v. 20, n. 40, p. 41–59, 2024. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/cadernosdeeducacao/article/view/463>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SANTOS, A; SOUZA, K; CORRÊA, A. Inteligência emocional da criança na Educação Infantil. **Revista Formadores – Vivências e Estudos**, Cachoeira, v. 21, n. 3, p. 103-114, jul./set. 2024. Disponível em: <https://adventista.emnuvens.com.br/formadores/article/download/2135/1618/7125>. Acesso em: 22 de ago. 2025.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Pedagogia Hospitalar: aprendizagens, saberes e afetos**. São Paulo: SME/COPED, 2021. Coleção Diálogos com o NAAPA, v. 5. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/08/Dialogos-NAAPA-Pedagogia-Hospitalar-v5.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SILVA, J; SCHWAMBACH, A. Pedagogia Hospitalar: a humanização da educação em ambientes de saúde. **Revista Acadêmica Licenciaturas**, Ivoti, v. 7, n. 1, p. 56-71, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.uergs.edu.br/index.php/RevLicenciaturas/article/view/4018> . Acesso em: 22 de ago. 2025.

SILVA, L.; FALCO, Ap. **Pedagogia Hospitalar: um olhar humanizado para as crianças adoecidas**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018. Disponível em: https://dfe.uem.br/tcc-2018/luana_marcela.pdf . Acesso em: 16 ago. 2025.

SILVA, M. B.; SOUZA, R. A. M. de. Classe hospitalar: direitos à educação das crianças hospitalizadas. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 18, n. 2, p. 01–20, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.18n.2-165>. Acesso em: 16 ago. 2025.

SILVA, M; et al. A importância da prática da Pedagogia Hospitalar para a continuidade do processo educacional de crianças hospitalizadas. **Id on Line Revista de Psicologia**, São Paulo, v. 18, n. 73, p. 312-336, out. 2024. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: 26 jul. 2025.



SOUZA, A. **Prática Pedagógica e Afetividade na Educação Infantil na EMEI Criança Feliz do município de Gurupá/PA.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação/Campus Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2022.

SOUZA, A. **A prática pedagógica no ambiente hospitalar:** um estudo de caso no HULW. 2017. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://exemplo.com.br/documento.pdf>. Acesso em: 22 ago. de 2025.

SOUZA, M. A atuação de Pedagogos em contextos não escolares: estado do conhecimento. **Revista Communitas**, [S.l.], v. 8, n. 18, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/268346.8.18-10>. Acesso em: 26 jul. 2025.

SOUZA, Z; ROLIM, C. As vozes das professoras na Pedagogia Hospitalar: descortinando possibilidades e enfrentamentos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 25, n. 3, p. 403-420, jul./set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000300004>. Acesso em: 05 jun. 2025.

VASCONCELOS, S. M. F. Histórias de formação de professores para a classe hospitalar. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 51, p. 27-40, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/9118>. Acesso em: 09 jun. 2025

VIEIRA, L; MARIA, J; CASAGRANDE, Keli; MENDES, V. O papel social da Brinquedoteca hospitalar no processo de inclusão da criança hospitalizada. **EDUCERE - Revista da Educação da UNIPAR**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 626–641, 2023. DOI: 10.25110/educere.v23i2.2023-007. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/10265>. Acesso em: 26 jul. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WILD, C. F.; SILVEIRA, A. da; FAVERO, N. B.; ROSA, E. de O.; GUETERRES, Évilin C.; LEAL, S. D. de S. Educação em saúde na sala de espera de uma policlínica infantil: relato de experiência. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 660–666, 2014. DOI: 10.5902/2179769212397. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/12397>. Acesso em: 22 ago. 2025.

ZOMBINI, E; BOGUS, C; PEREIRA, I; PELICIONI, M. Classe hospitalar: a articulação da saúde e educação como expressão da política de humanização do SUS. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 71–86, mar./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/gxqcQ3YVGkhLSNtz8NTCb5k>. Acesso em: 30 jul. 2025.